

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROFESSOR DE VE
J. J. DA SILVA GRACA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 41-LISBOA



Só não tem cabelo nem barba quem quer!

Fazemos nascer cabelo nos cascos das barbas e sem ella em 20 a 24 dias. Garante-se que não é nocivo. Remette-se com toda a discreção. Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, dá-vos a barba bonita e o cabelo abundante. Temos livado com o nosso **balsamo Mootcy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador rocou-se a nós pedindo o nosso auxilio e não recorrou de balde!** Honras notáveis e não notáveis, todo nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os países da Europa e America, em muitos lugares da Africa e da Australia é o nos o **Mootcy** conhecido e apreciado. Põe-se por is o dizer, com verdade, que goza de fama universal. O preço do **Mootcy** é de **2\$515 réis** por porção (uma porção chega perf. 11 meses). O pedido de 2 porções, a uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de **4\$420 es.** Com cada porção vai um **CERTIFICADO DE GARANTIA**, o qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.



Se isto não fór verdade pagamos ao comprador a quantia de 300\$000 (trezentos mil réis).

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem inscripta a palavra **Mootcy**. Evita-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, o m português, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega. As prações do exercito de ultramar só se envia o **Mootcy** se a ordem vier acompanhada da respectiva quantia em cheque sobre a Eu ou por expedida por casas exportadoras de Hamburgo.

Mootcy depôt

Holmens Kanal 28 Copenhagen 133.

O MAIOR E MAIS IMPORTANTE ESTABELECIMENTO DA ESPECIALIDADE NA EUROPA

Assignatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 4800 réis
 * semestre 2800 ..
 * trimestre 18200 ..

Assignatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa» PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Por anno 88'00 réis
 * semestre 48000 ..
 * trimestre 28000 ..
 * mez (em Lisboa) 700 ..

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D. FRANCK



Contra **FALTA de APPETITE — PRISÃO de VENTRE OBSTRUÇÃO — ENGAQUECA — CONGESTIONS**
SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomão nas refeições e excitio o appetite.
 Exijam a **Etiqueta junta em 4 Cores.**
T. LEROY, 96, Rue d'Amsterdam, Paris e todas Pharmacias.



Meio seculo de successo ESTOMAGO

O Elixir do D. Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pha-macie MIALHE, 8, rue Favart, Paris



Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-LISBOA

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetos de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos prepos. Viagens e culatorias a prepos reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotels.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

Bicycletas

Marcas Inglesas, as mais solidas e elegantes desde **25\$500 rs.** Bicycletas **Singer**, **Hammer**, **B. S. A.** ultimos modelos. Bicycletas **Inglesas Radford**, modelo especialmente feiti para a nossa casa, muito solidas, propria para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, rollos de guarda-lamas e 2 travões, preço **32\$000 réis.**



Enorme sortimento de accessorios, taes como: protectores Continental, Dunlop, Coventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preços baratissimos. **GRANDE DEPOSITO** da melhores machinas falantes e di-cos **Simplex** dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções, **CASA SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas falantes. *****

J. CASTELLO BRANCO
 Rua do Socorro, 48
 Rua de Santo Antão, 32 e 34 LISBOA

AFFONSO XIII. UM REI QUE SABE REINAR.

Finalmente, no dia 8, á noite, quando de volta do theatro da Zarzuela, aonde fôra assistir á estreia dos bailados da perturbante Truhanowa—a dançarina russa que na Grande Opera de Paris vinha de dançar a *Salomé*—eu recolhia ao hotel para jantar, encontrei a participação da mordomia, em que o marquez de Torresilla me communicava que S. M. Catholica, D. Afonso XIII, se dignava receber-me no dia seguinte, ao meio-dia.

Na sua edição nocturna, o *Heraldo* dava já a noticia de que o rei de Hespanha ia partir para Villa Viçosa, a encontrar-se com o rei de Portugal, e a coincidencia d'essa significativa entrevista dos dois monarchas n'esse historico solar dos Braganças, de onde D. João IV partira em 1640 para aproveitar dos beneficios de uma revolução que lhe trespassava o sceptro, audaciosamente arrebatado das mãos de Philippe IV, mais estimulava as impaciencias insofridas da minha curiosidade.

Certamente a minha imaginação,

não deixariam de attribuir-lhe os devaneadores jornalistas da minha pobre terra, mais do que nunca embevecida na admiração dos rhetoricos e dos novelheiros, mas em vão eu chamaria em meu auxilio a superabundante phantasia de um romancista para encontrar o pretexto de uma insinuação matrimonial a esse encontro de dois reis na sala dos Duques do paço de Villa Viçosa. O bom senso mandava-me capitular essa entrevista—já por duas vezes projectada parece que para Villa Garcia e para Cascaes—como um simples anhelho affectuoso.

Sabido como é exigua a iniciativa que aos reis constitucionaes é permitida nas grandes questões de politica internacional, reguladas por resoluções do poder executivo, afigurava-se-me que se alguma importancia de maior pudesse vir a resultar d'esse encontro dos dois chefes de Estado da península, ella emanaria apenas da *qualidade* dos conselhos que Afonso XIII, com a experiencia de quasi sete annos de realza, não deixaria de dar, a titu-

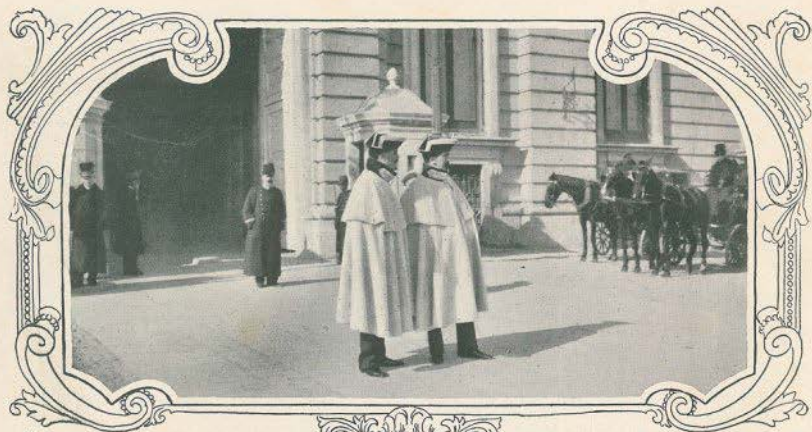


S. M. Catholica D. Afonso XIII e a rainha Victoria

posta a trabalhar, mesmo excitada pelos bailados da Truhanowa, não conseguia emprestar a esse *lété-à-lété* de soberanos a importancia politica que

lo de amigo, ao juvenil rei de Portugal, e que nunca exorbitariam do caracter discreto que impunham as conveniencias.



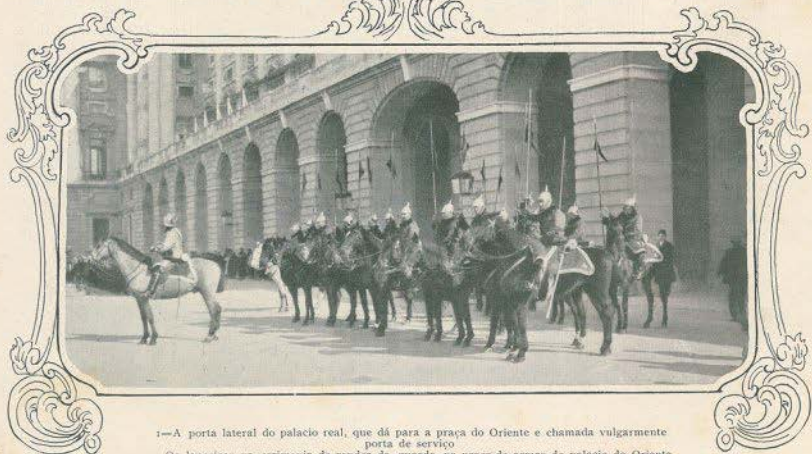


N'essa vasta sala de jantar do *Grande Hotel de Paris*, onde, havia uma semana, estava vendo passar as caravanas numerosas de estrangeiros, que todos os dias do anno enchem de exclamações de maravilhada surpresa as galerias do mu-eu do Prado, e para quem a sociedade de hoteis Ritz está construindo em Madrid um hotel esplendido— porque na Hespanha essas iniciativas da civilização não encontram como nas barbarescas terras de Portugal o obstaculo das opposições indigenas, — eu pela ultima vez assistia ao indescriptivel espectáculo de animação estonteadora da *Puerta del Sol* e da *calle de Alcalá*, comparando-a mentalmente á melancholia d'esta Lisboa de quinhentas mil almas, que tão impressivamente reflecte, no tédio e na penumbra das suas ruas pouco menos que ermas, o caracter abatido de um povo, que parece aguardar, com o desprezível fatalismo dos suicidas, que o despejem na fossa commum da Historia com os seus estadistas irrisorios e os

seus tres milhões de analphabetos. E ainda uma vez, a saudade d'esta patria infeliz, de cuja idolatria o nosso coração não poderá nunca libertar-se, nos conduzia á visão confortadora, estimulada pelas prosperidades alheias, de um Portugal refeito desde as bases, e de uma Lisboa magnifica, onde viessem hibernar os millionarios, acudidos ao chamarizo do seu clima calido de estufa.

Era com os jubilos d'esse sonho optimista, n'uma demorada crise de delirio imaginativo, que ainda no dia seguinte atravessavamos Madrid, desde a *Puerta del Sol* á *Plaza de Oriente*, onde se ergue em frente do *Theatro Real*, no mesmo sitio do Alcazar destruido pelo terremoto de 1466, o palacio dos reis de Hespanha, mandado construir por Filippe V, segundo os projectos de Juvara e Saqueti.

Do vasto terreiro de entrada, que uma gradaria de ferro fecha no extremo das alas Leste e



1—A porta lateral do palacio real, que dá para a praça do Oriente e chamada vulgarmente porta de serviço
—Os lanceiros na cerimonia do render da guarda, na praça de armas do palacio do Oriente

Oeste, vinham os accordes solemnes do hymno real hespanhol, tocado pelas bandas de infantaria e charangas de cavallaria, no decurso da quotidiana e apparatosa cerimonia do render da guarda. A escolta de lanceiros, com o seu dolman azul guarnecido a astrakan, e o pequeno capacete allemão scintillando ao sol, rendia as sentinellas. O povo livremente circulava na immensa praça de Armas. Vendedores de laranja, de amendoim e de castanhas arranchavam com n'uma romaria em frente aos portões de ferro conñadamente abertos, e distinguiam-se ao fundo, atraz das portas de vidro do vestibulo, os alabardeiros de serviço, perfilados, de calção e tricornio, empunhando as decorativas alabardas.



A simples declaração de que tinhamos audiencia abriu-nos caminho com maiores facilidades do que as concedidas nos *harens* burocraticos do Terreiro do Paço. No ultimo patamar da escadaria, em cuja abobada Giaquinto pintou a famosa allegoria do triumpho da Religião e da Egreja Catholica, os alabardeiros indicaram-nos á esquerda uma pequena antecamara, para onde abria a porta, forrada de velludo carmezim, do salão sumptuoso de entrada. No relo-

gio de bronze da chaminé de marmore verificâmos que faltavam ainda dez minutos para o meio dia. Apenas á porta que communicava o salão com outra sala menor, de paredes revestidas de velludo azul com flôres de lys e decoradas com os retratos dos ultimos reis de Hespanha do seculo XVIII, estacionava um lacaio. Os irradiadores de ar quente — que funcionam em todos os predios novos de Madrid, incluindo, bom é dizer-se, os de aluguel — mantinham uma temperatura de primavera nas grandes salas desertas, cujas janellas amplas deitavam para a



1—O rei D. Afonso XIII entre o seu povo
2—A grande escadaria de honra do palacio do Oriente



A sala Gasparini no palacio do Oriente.

praça de Armas, e de onde a vista alcançava o zimbório de S. Francisco o Grande. Forrado de velludo lavrado, em flôres vermelhos sobre fundo amarello, e adornado com tapeçarias hespanholas da Real Fabrica de Madrid, reproduzindo composições de Teniers, o vasto salão tinha por unico mobiliario tremós de talha

doirada, guarnecidos de serpentinhas de bronze cinzelado e talhas de porcellana, extensos bancos e tamborettes estofados com o mesmo opulentissimo velludo das paredes, e ao centro, sob os mil pingentes do lustre enorme, de balão, uma meza preciosa, que faria empalidecer de gula um antiquario.





Ao meio dia, com essa pontualidade inglesa que a rainha Victoria parece ter trazido consigo de Inglaterra, no seu enxoval de noiva, para a corte de Hespanha, abriu-se a porta de sacratio, forrada de velludo, que da sala azul communicava com o salão das recepções, e onde o ajudante de ordens, de serviço, verificou a inclusão do meu nome no boletim das audiencias, avisando-me de que El-Rei me receberia logo após o antigo ministro conde de Romanones.

Por instantes, na sala esplendida, cuja porta da esquerda abria

para uma enfiada de outras salas, de paredes recobertas pelas esmaecidas côres de velhas tapeçarias hespanholas e flamengas, ficámos apenas os tres e uma persônam palatina, com a gran-cruz da Conceição e a chave doirada de camarista.

Nos altos espelhos, que encimavam os tremós Luiz xv, reflectiam-se bustos de marmore e pesadas serpentinhas de bronze, em estylo Imperio; e do remate da apologia movimentada e enigmatica do tecto um pezado lustre descia sobre a mesa central, cujos pés elegantes mergulhavam n'uma ces-talada de espedistas. O retrato de Afonso xii, por Casado del Alisal, representando o filho de Izabel II encostado ao bastão de commando, fardado de capitão-general, fazia, n'um dos tôpos da sala, frente ao da rainha Christina.

Lacaio de farda agaloada circulavam sem rumor sobre os densos tapetes da Real Fabrica; e em breve a sala enchia-se, como uma scena de theatro. Entre as sobrecasacas, requeridas pela etiqueta matutina, destacavam os uniformes: esses apparatus uniformes hespanhoes, que parecem o ultimo refugio, ainda compativel com as exigencias da civilisação, do velho fau-



1—Os reis de Hespanha em Barcelona
2—A sala do throno no palacio do Oriente



to castelhano, e entre os quaes sobresahia o entronçado vulto de um cavalleiro de Calatrava, com o seu manto branco, de cruz vermelha e lançoada no hombro, e o argentino capacete

theatral de um Lohengrin. As conversas, interrompidas um instante, á passagem da princeza Beatriz de Battenberg, reatavam-se n'um tom de familiaridade, por completo isento d'essa morgue palatina, que ainda é de uso protocular n'algumas côrtes, e mesmo miss Cockrane, dama da princeza, e cuja linda cabeça branca, de quadro de Watteau, tão singularmente se harmonizava com a moldura, toda seculo XVIII, do salão, deplorava, a rir, perante uma affluencia tão grande á audiencia, o official de serviço, offerecendo-se para *apporter des biscuits...*

Para quem visse na persuasão romanesca de que a cõrte de Hespanha, immobilizada na etiqueta inflexivel dos Filippes, persistia apegada á mesma martyrisante lithurgia que Victor Hugo evoca

no *Ruy Blas*, o apparecimento da rainha n'uma sala contigua e as suas frescas risadas devaneceriam depressa essa illusão. Acompanhada de sua mãe, a princeza Beatriz, do duque de Santo-Mauro, seu mordomo, de miss Cockrane e da sua dama, a Rainha sentára-se para escolher uns retratos que um photographo lhe trouxera; e eu pude á vontade, durante longos minutos, observal-a. Da *gampe* verde de um vestido Imperio, que lhe dissimulava a gravidez, o seu busto gracioso, coroado pelo turbilhão loiro dos cabelos, destacava sobre o fundo indecizo das tapeçarias, como um re-



Um episodio da viagem a Barcelona
D. Afonso XIII, acompanhado do seu presidente do conselho D. Antonio Maura, assignando, a pedido do alcaide de uma povoação da provincia, o livro dos visitantes
2—Os reis de Hespanha assistindo a uma corrida de touros



1—O rei de Hespanha ante o Arcebispo de Barcelona
2—D. Afonso XIII passando revista ás suas tropas

trato animado de La Gandara. A luz da janella acariciava a sua pelle rosea de setim e fazia reluzir toda a meada de ouro dos seus finos cabellos cendrados. Nunca a Inglaterra teve certamente uma mais linda princeza, nem nunca a Hespanha uma mais linda rainha. Mas, sobretudo, o que mais fazia resplandecer a sua beleza, humanizando-a, era a alegria de noiva, que propagava áquella physionomia heraldica de idolo a contagiosa animação da felicidade.

Sentia-se, *respirava-se*, por todo o palacio, a influencia do rei juvenil e enamorado, do rei alegre e valente, do rei bem hespanhol, que tão admiravelmente auxiliava a obra laboriosa dos seus estadistas, fazendo circular a fé nos destidos da patria por todas as provincias de Hespanha, e incitando as energias unanimes do povo n'essa obra fascinadora de progresso, de que soubera fazer-se, a tempo, o paladino.

Já a *silhouette* ouro e verde da rainha Victoria se perdia ao longe, na penumbra solemne das ultimas salas, quando a minha vez de audiencia chegou. Ao fundo de uma pequena antecamara forrada de damasco carmezim, ficava o gabinete, em estylo Imperio, onde, desde a porta, avistei o rei, perfilado, retribuindo-me a mesura com a continencia militar. Alto, com um corpo agil, desenvolvido pelo *sport*, a face glabra, com leves arripios de bigode na commissura dos labios, o mento estigmatizado por um ligeiro prognatismo dos Habsburgos, o nariz burbonico, e, com todo esse conjuncto varonil de grande raça, a expressão seductora, affabilissima, que herdara de seu pae,—o rei de Hespanha pareceu-me inteiramente outro do que eu vira em Lisboa, dançando a quadilha de honra na sala do throno da Ajuda. O calção á hussare e a bota á Chantilly, estreitamente cingida ás pernas magras e musculadas de gym-

nasta, acresciam-lhe a elegancia. A linha vertical do thorax e a largura dos hombros, conquistadas pelo exercicio, completavam agora com proporções solidas de columna o capitel aristocratico da cabeça. Era um homem. O movimento marcial que o immobilisára por instantes em continencia, n'uma *tenuis* hieratica, revelava uma firmeza viril, não isenta de magestade. Era um soldado.

Aquella hirta linha militar desvaneceu-se, porém, como por encanto, mal eu passára o limiar da porta. E surgiu o *charmeur*. Afonso XIII estendera-me a mão, cordialmente, indicára-me um pequeno canapé, sentára-se n'uma cadeira; e como eu esboçasse um movimento de respeitosa recusa áquella distincção, logo soube encontrar a phrase de espirito para appoiar a intimidade da sua gentileza.

—Por causa das correntes d'ar... Não queira experimentar as do Palacio do Oriente...

Tendo assim logo dissipado esse molesto embaraço que sempre estorva e banalisa a primeira con-



versa entre desconhecidos, e que a sua cathogoria de rei mais agravava, Afonso XIII levantou-se, foi buscar acima da mesa uma caixa de prata com cigarros, que pousou no canapé, a meu lado; e com uma cortesia que nada tinha de affectada, antes revelava um feito naturalmente franco e seductor, elle proprio accendeu o meu cigarro.

Posta n'estes termos cordiaes uma conversa, que eu temera iria descahir n'essa banalidade classica a que estão condemnados os reis nas suas relações com os estranhos, pude em fim collocar as minhas phrases de agradecimento e confessar a impaciencia com que, durante dez dias, aguardára aquelle momento de conhecer de perto o rei de Hespanha. Contára eu que n'esse rumo o dialogo iria avisinhar-se de assumptos palpitanes, mas a minha especta-



tiva malogrou-se ante o interesse inesperado de Sua Magestade em conhecer a tiragem da *Illustração Portuguesa*, que eu confessei ter attingido já 23.000 exemplares.

—Mas é enorme, em Portugal!

E a sua curiosidade indagadora logo quiz saber a parte com que as colonias contribuiam para essa tiragem consideravel.

—Com bem pequena parte...

A resposta surpreendeu-o vivamente.

—Um dominio colonial tão extenso!

—E de colonisação portugueza tão exigua, dada a pre-

ferencia tradicional da emigração para o Brazil, os reduzidos recursos de que póde dispôr um pequeno paiz com 5 milhões de habitantes, e a morosidade, reflexo da nossa falta de iniciativa, com que tão vastos dominios teem sido preparados para o exercicio compensador da actividade portugueza...



1—D. Afonso XIII caçando em Villa Viçosa—(Cliché NOVAES)

2—D. Afonso XIII e a rainha D. Amelia de Portugal, no tiro aos pombos, de Madrid—(Cliché BENOJEL)

— Não importa! São uma garantia colossal para o futuro, esses grandes dominios coloniaes. . .

E de novo eu procurava um meio de libertar a conversa d'esse incidente falho de interesse, quando Afonso XIII, abertamente me interpelou:

— *Et les affaires du Portugal?*

Não pude dominar o movimento instintivo de fitar o rei, no receio de lhe surpreender o arrependimento tardio por aquella pergunta, que revelava, sem dissimulações hypocritas, uma curiosidade vivissima. Mas na sua physionomia intelligente havia apenas o repouso da expectativa.

Certamente Afonso XIII não aguardava as minhas revelações para fazer um juizo da crise politica portugueza, sobretudo não ignorando a minha falta de cathgoria nas fileiras dos exercitos combatentes, que se degladiavam em desordem para além das suas

munha, lealmente, como se tivesse jurado sobre os Evangelhos, — depuz. Preoccupado em não desperdiçar palavras, esforcei-me por definir a crise portugueza como a reacção de um paiz — que se sente ignominiosamente morrer entre os triumphos da civilisação universal — contra a immobildade governativa, que lhe jugula as iniciativas e lhe afoga os ultimos alentos. O dramatico processo epilogava-se, nos seus quesitos fundamentaes, entre a nação e o Terreiro do Paço. A força do partido republicano provinha menos do problematico prestigio d'essa velha palavra de *Republica*, que da adopção, como programma, de todas as grandes reivindicações de um povo que não queria morrer ás mãos egoistas dos caciques eleitoraes, debaixo do joelho dos grandes regedores politicos. O regimen tinha ainda um recurso: o de ir



O rei de Hespanha em Barcelona

fronteiras bem guarnecidas de soldados.

A' sympathica *cranerie* d'aquella pergunta, não podia porém corresponder com a impostura que as conveniencias porventura me impunham. Não que eu tivesse em grande conta a importancia do meu depoimento. Não me creava illusões. Mas na minha qualidade de teste-

pedir ás novas gerações a sua audacia para o emprehendimento de um programma de reformas capaz de transformar desde os alicerces a vida nacional, e que impellisse para o trabalho as derradeiras energias de um povo, decidido a desbaratalas no tremendo sacrificio, talvez improfico, de uma revolução.

Afonso XIII, que ouvira até



ahi, imperturbavelmente, o meu depoimento, interrompeu-me então: — É o actual governo apresentará ao parlamento um orçamento com deficit ou superavit?

— Infallivelmente com deficit! Nem a monomania de parcimonia do conselheiro João Franco obteve o milagre de extinguir o deficit. E' que o problema, em Portugal, não consiste em reduzir despesas, mas em applicar as bem, creando novos elementos de trabalho e de riqueza fóra do recurso fiscal já exaurido. Se nós temos ainda até um formidável deficit alimenticio e mais de 40 % de territorios incultos...

— E sabe a quanto sobe em Hespanha essa percentagem? A 65 %! Cã tambem é preciso trabalhar, cultivar! E uma das minhas preoccupações é essa: a de promover a redução progressiva do territorio inculto...

— Com a differença que em Hespanha existe já um con-

Em Portugal vê-se o governo, inspirado pelo chefe dos liberaes, monopolisar cada dia mais despoticamente o poder e exercer a tutela mesmo na instituição secular dos municipios. Quando em Portugal assistimos ao desenvolvimento liberal do programma de Maura, o nosso sentimento reparte-se entre a vergonha da nossa immobildade e a surpresa d'essa prodigiosa evolução. Que seja o chefe do partido conservador quem se bata pela lei de administração local, eis o que, no nosso atrazo, nos surprehende.

— E a mim tambem! — exclama o rei, sorrindo.

Animada pelo successo, a minha audacia começou então procurando acercar a conversa de um capitulo entre todos perigoso, mas de interesse capital para o meu modesto inquerito de analysta. Inesperadamente, eu encontrava



Afonso XIII na sua excursão ao forte de Guadalupe

juncto admiravel de providencias para acudir a esse mal, e em Portugal não...

O receio de que no espirito d'aquelle rei, nosso visinho, a verdade dolorosa das nossas desventuras andasse desfigurada pela versão europeia que nos affronta, levou-me a pôr em confronto com a esterildade dos nossos estadistas, apenas occupados em consolidar as suas influencias politicas e em favorecer as suas ambições pessoais, a obra intrepida e fecunda de Maura, repartindo o poder com as mancomunidades das provincias e abrindo por toda a nação verdadeiras escolas de administração e de civismo.

— Em Hespanha vê-se o poder central, personificado no chefe dos conservadores, despojar-se voluntariamente de uma parte das suas prerogativas de mando para as devolver ao povo.

no palacio do Oriente um rei sem preconceitos excessivos e sem cautelas timoratas, que sabia pôr em pratica essa sciencia subtil de dirigir a conversa e dominal-a: dom eminentemente intellectual, que o simples exercicio da realeza, ao contrario do que se diz, não basta para desenvolver, e antes requer recursos de penetrante intelligencia e de sensibillissimo tacto.

A proxima visita de Afonso XIII a Villa Viçosa não deixaria de fazer avultar os rumores que a vinda a Lisboa do conde de la Union tinha já provocado. Procurar adivinhar até que ponto a hypothese de uma intervenção, embora clandestina, do soberano hespanhol na politica portugueza, era admissivel, eis o que n'aquelle momento — encontrando-me decidido a ir até á gaffe — me obcecava.

(Conclue)

C. M. D.

MONUMENTO DO DUQUE DE SALDANHA



1—O sr. Braamcamp Freire a presentando a El-Rei os vereadores republicanos da Camara Municipal, presentes ao acto da inauguração do monumento.

2—Os descendentes e representantes actuaes do marechal duque de Saldanha, convidados para assistir á cerimonia solemne da inauguração do monumento do seu glorioso antepassado.



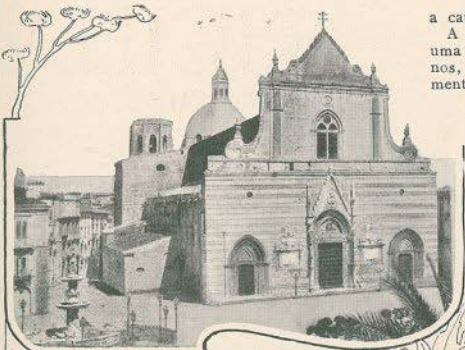
SICILIA

Sensações d'Arte

Renan deslinda muito lucidamente a composição ethnica e hierarchica do pessoal empregado na obra architectonica e decorativa do periodo normando. O insigne critico, que em 1875 visitou a Sicilia em companhia de Gaston Paris e do marquez Laborde, explica-nos: Sob a conquista normanda a população arabe manteve os seus antigos habitos, os seus usos, a pratica dos seus misteres, o culto das suas artes. Quando os reis normandos, grandes edificadores, quizeram construir palacios, mosteiros, abbasdias e capellas recorreram aos architectos e pedreiros arabes, que naturalmente fizeram o que sabiam fazer. Decoradores byzantinos remataram a obra. Exerceu uma influencia decisiva o clero normando. Os conquistadores não tinham consigo pedreiros mas tinham clerigos, que queriam egrejas

1—Palermo: A torre de Martorana
2—Villa Tasca

a cathedral de Palermo, a cathedral de Monreale. A Martorana, antiga *S. Maria dell' Ammiraglio*, é uma igreja erigida em 1143 por Giorgio Autiochenos, almirante de Rogerio II. Depois de profundamente modificada no século XVII pelas religiosas do convento da Martorana, a igreja foi modernamente reconstituída segundo o plano primitivo, e é mui interessante e característico o schema d'este recente trabalho. As pobres monjas tinham ingenuamente procurado ampliar o templo primitivamente quadrado, com tres absides e uma cupula sustentada em quatro columnas, tudo em estylo byzantino, sob a mais profusa ornamentação de mosaicos. Substituíram a abside central por uma ampla capella-mór, e cobriram calamitosamente de novos mosaicos, aliás riquissimos, dos melho-



1—Messina: Duomo. 2—O templo de Segesta

conformes ao estylo que conheciam, e impunham o seu plano geral. Assim — conclue Renan — sob a influencia do grande, nobre e conciliador espirito d'essa dynastia, que foi a casa verdadeiramente nacional da Sicilia, se formou uma arte que em seu tempo — principio do século XII — foi a primeira do mundo.

Os principaes edificios sicilianos d'esta epoca são o duomo de Cefalú, a Capella Palatina de Palermo, S. Giovanni degli Eremiti, S. Cataldo, a Martorana,

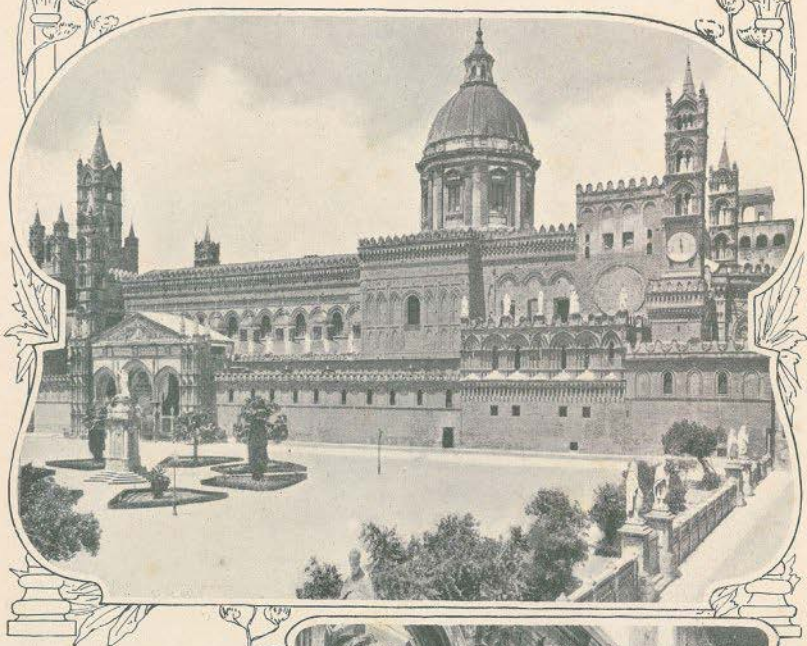
res marmores da Sicilia, de alabastro e de lapislazuli, os preciosos quadros primitivos de fundo de ouro, obra dos mosaistas incomparaveis do século XII.

A commissão italiana di *Antichità e belle arte* desfez até onde foi possivel o innocente desacato das monjas: descobriu quanto poude dos mosaicos primitivos, fechou a igreja nos seus primordiaes limites, separando-a da sobreposta capella-mór e construindo uma abside de tabique destinada a restabelecer a forma interior da

egreja de 1145. Nas paredes de que haviam sido arrancados os mosaicos antigos fez pintar succintamente, a uma só côr, as silhuetas do primitivo ornato, segundo o risco authentico encontrado nos archivos de Palermo, inscrevendo em cada encasamento breves mas minudentes e rigorosas indicações da reconstituição completa. Os

samam o ar polvilhado de sol e chilreado de passaros.

O edificio, hoje propriedade do Estado e administrado pela commissão de Antiquidades e bellas-artes, tem por *custode* um velho garibaldino, que entre as plantas do claustro me mostra uma bella acacia florida, de que me dá um ramo depois de commoída-

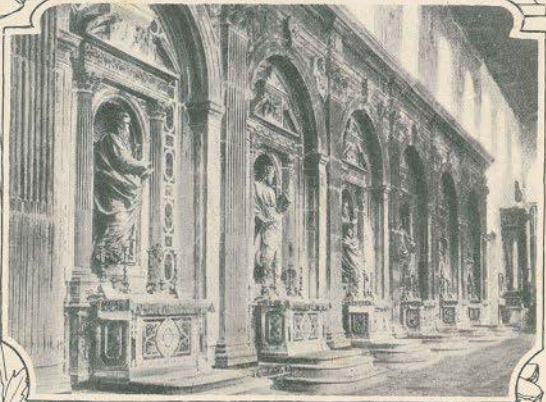


materiaes empregados no seculo XII eram todos italianos, granito, porphyro, agatha e o bello verde antigo.

As columnas do portico, trazidas talvez de algum antigo templo, são de granito vermelho do Egypto.

O campanilo admiravel, do viajante arabe Ibn Giobair, em tempo de Guilherme o Bom, é de granito estrellado de ornatos embutidos em lava negra do Etna.

S. Giovanni degli Eremiti é uma egreja inteiramente oriental, em forma de cruz egypcia com tres absides e cinco cupulas. Claustro pequenino, muito deteriorado, mas do mais fino acabamento e alegrissimo pela vegetação que o enfeita, palmeiras, figueiras, cactus, rosas e jasmims, que embal-

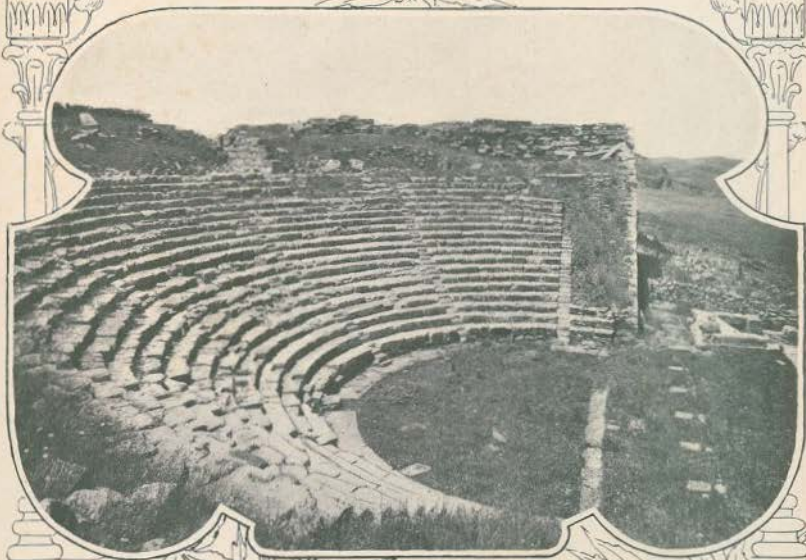


1—A cathedral de Palermo
2—Messina: Interior do Duomo

esse momento perfumavam as folhas do meu Baedeker.

O interior das igrejas normandas, algumas ainda perfeitamente intactas, como por exemplo a de Monreale e a Capella Palatina no palacio real de Palermo, é de uma caricia de luz, de uma harmonia de fórmãs e de côr, e de uma tão suprema suavidade de conjunto que a impressão produzida em quem pela primeira vez contempla semelhante maravilha, é a de uma especie de extase como o que deverão determinar as revelações milagrosas.

A luz, calma e difusa, que de principio se não comprehende por onde penetra, envolve as columnas e as ogivas arabes, espelha-se no infundavel ouro envolvente, que serve de fundo aos paineis de mosaico, cobrindo todas as superficies



mente lhe ter deposto um beijo. E conta-me enternecido a historia d'esse arbusto.

Garibaldi dissera ao morrer:—Queimem-me, e enterrem as minhas cinzas debaixo das minhas acacias de Caprera. O guarda meu cicerone, um dos Mil de Garibaldi, fôra piedosamente a Caprera, ajoelhára perante as arvores amigas d'aquelle a quem elle chamava o libertador da Sicilia, e de uma d'ellas trouxera para plantar em Palermo o garfo de que provinham as flôres que a



1—Palermo. Egreja del Vespri; Segesta 2—As ruinas do theatro 3—Erupção do Etna (1892)



Inauguração do monumento do marechal Saldanha, do esculptor Thomas Costa, ergido na praça do duque de Saldanha, na conflúencia das avenidas Fozes Pereira de Mello e Ressaio Garcia.

(Chôça de Bissolini).

dores, evocado pela arte como n'um museu sobrenatural, o panno azul do firmamento se rasgasse e por um momento avistassemos o céu da Biblia, ao som dos órgãos e dos canticos sagrados, n'um hosanna immenso, n'uma alleluia enorme.

A Capella Palatina é, como se o vissemos no conjunto de uma disposição panoramica, todo um *Flos Sanctorum* ampliado dos mais preciosos evangelizarios do seculo xv, em que os illuministas beneditinos successivamente nos descrevem pelo pincel todos os mais poeticos e graciosos episodios da epopeia christã, engastados em ouro e em esmeraldas de verdura, entre grinaldas e albarradas de boninas, de anemonas, de lirios e de flores de morango.

Dos textos litterarios que conheço, aquelle que mais analogias tem



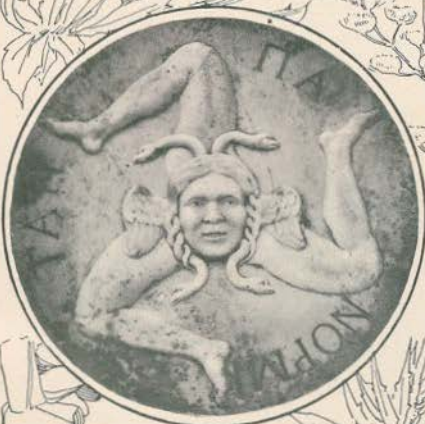
do muro, dos entablamentos e das archivoltas, parecendo irradiar da mesma ambiencia auroral, de cuja profundidade sobre-aem, approximando-se de nós, redivivas, coroadas nimbo paradisiacos, todas as personagens do velho e do novo testamento, patriarchas, prophetas, apóstolos e evangelistas, santos, santas e doutores da Igreja, toda a cantante, elegiaca e etherea côrte de Jesus, explicada aos mortaes por disticos gregos, latinos e arabes, como se de repente, a nossos olhos pecca-

1—Palermo: Interior de Zisa
2—Ruínas de Solunto
3—Catania: Erupção do Etna (1892)

com a decoração das igrejas normando-sicilianas e parece ser como que a sua imagem verbal e o seu envolvimento poético, é o livro incomparavel, escripto cerca de uma centuria mais tarde, na segunda metade do seculo XIII, livro que inundou de poesia os ultimos annos da idade media e se intitula *A Legenda Aurea* do beato arcebispo de Genova Jacopo da Varagine (Jacques de Voragine).

Suprema consagração de uma data historica:—na cathedral de Monreal, d'entre as figurações celestias a que me refiro, por cima da *sedes regia*, destaca-se a figura do rei Guilherme II, recebendo a imposição da corôa não das mãos do papa mas das do proprio Christo. Nos mosaicos da Martorana apparece Rogério II sumptuosamente vestido á oriental como um imperador de Byzancio.

A copiosa complexidade dos elementos que coincidem na architectura siciliana



1—Palermo: Capella Palatina no palacio real
2—Emblema da Sicilia

do periodo a que me refiro lembra o contraponto e a harmonia da obra symphonica de Wagner.

Sabe-se que foi em Palermo durante toda uma estação de inverno, que Wagner veio acabar de escrever *Parisifal*.

No Hotel das Palmas, mostra-se aos viajantes, como um santuario local, o quarto em que viveu e trabalhou o maestro, quarto que ninguem mais habitou e no qual religiosamente se conserva como elle a deixára a disposição da mobilia. Do armario de espelho em que elle guardava a roupa branca exhala-se um inextinguivel perfume de essencia de rosas, que a cada nova visita invade uma parte do predio como o alphatico vestigio intimo de uma vida memoravel, que ali passou.

Assim é que deante de nenhum outro exemplo como perante os edificios gothico-arabico-bysantinos de Palermo melhor se comprehende a definição que, aqui mesmo por certo, formulou Goethe:—A architectura é a musica plastificada.

Além de ser o mais maravilhoso jardim, o mais rico pomar da Europa, o mais curioso museu architectonico de todo o mundo, a Sicilia, è ainda, e acima de tudo, o mais precioso thesouro de figuras thegonicas, de tradições poeticas, de mythos, de lendas, de suggestões historicas.

São famosos os cantos populares de Mineo, onde existe uma pedra chamada a *pedra da poesia*, da qual se conta que todos aquelles que de joelhos a beijam se levantam poetas. Diriamos, perante a historia das nossas mais gloriosas origens litterarias, que toda a Sicilia è para o mundo o que è para a Sicilia a pedra de Mineo.



1—A cathedral of Catania
2—Agrigenti; Igreja da Concordia

E' com effeito n'este grado solo eleito aos deuses e querido das musas, que decorrem muitos dos principaes episodios da Illiada e da Eneida, dos Idylls de Theocrito e das Bucolicas de Virgilio.

Aqui foram attrahidos por um commum destino os mais illustres dos escriptores gregos: Eschylo, Pindaro, Sapho, Simonides, Xenophanes e Platão. Aqui viveram por mais ou menos tempo Strabão, Plinio, Virgilio e Ciccero. Junto do Etna, Eschylo faz representar a sua tragedia dos *Persas*. O poeta Phormis, ao serviço de um dos tyrannos de Siracusa, inventa os bastidores de theatro; e Stesichore aperfeiçoa o côro antigo, accrescentan-



tas como poços, as enormes pedreiras subterrâneas de que se extraíam e onde se cinzelavam os marmores dos templos gregos, escavando fundas e tortuosas cavernas — asiatomias de Siracusa — hoje convertidas em jardins onde vicejam limoeiros e romanzeiras nas mesmas profundidades trágicas em que oetr'ora morreram de desespero e de fome, pavorosamente encarcerados, sete mil athenienses.

F' ainda na Sicilia que perennemente chora sobre mouchões, de papyrus a casta Aretusa convertida em fonte por querer evitar que Plutão raptasse Proserpina, assim como no Monte Pellegrino a adoravel santa Rosalia, descendente de duques e de reis, voluntariamente se refugia, joven e bella, para chorar até morrer sobre os peccados dos homens.

A mesma attracção que exercia sobre os antigos exerce-a ainda a Sicilia sobre os espiritos modernos. Com que enternecida piedade a visitaram Renan, Boissier, Gaston Paris, Leroy-Beaulieu, Chamberlain, Tissot, Bourget, Maupassant!

Theodore de Banville chama-lhe a ilha das espigas tremulas e dos grandes lirios. Renan afirma que a Sicilia é um torrão aurífero ainda por lavar. E, antes de todos estes, dissera Goethe: A Italia sem a Sicilia não deixa imagem nenhuma no espirito. A chave de tudo é a Sicilia, a rainha das ilhas.

Sobre essa patria da Belleza acaba de passar a impiedosa catastrophe. Possam estas modestas linhas chamar por um momento a compadecida sympathia dos que as lêrem para um tão grande infortunio!

RAMALHO ORTIGÃO.

do o épodo á estrophe e á antistrophe. Aqui nascem Archimedes e Empedocles, um dos maiores genios, senão, talvez, o maior do mundo, o mestre de Lucrecio e de Epicuro, e, a dois mil e duzentos annos de distancia, o precursor de Newton e de Darwin. Quem não conhece como personagem dos nossos dias aquelle que, nu pelas ruas de Siracusa, gritou *Eureka!* Quem não sabe que do vulcão do Etna enguliu Empedocles, vomitando com a sua lava as sandalias de bronze do grande siracusano?

E' na Sicilia que existe o Monte Erix, onde Kneias sepultou Anchises e onde se ergueu o templo de maior devoção que teve Venus, a mais grandiosa das idealisações humanas, a divina Aphrodite, a mãe dos homens e a prolongadora da vida, aquella a quem Lucrecio consagrou o mais fervoroso, o mais eloquente de todos os hymnos.

E' na Sicilia que ainda se vêem, boqueaber-



1 — Girgenti: Sarcophago grego
3 — Girgenti: Templo de Juno Lacinia



OPERA ALLEMA EM S. CARLOS



— Qual será o acolhimento que os frequentadores de S. Carlos farão á *Tetralogia* de Wagner, executada por artistas allemães? — perguntámos, em nome da *Illustração Portuguesa*, a um peregrino de Bayreuth — a Meca wagneriana — e que, ainda recentemente, ouviu na opera de Paris o *Crepusculo dos Deuses* cantado em francez.

O nosso illustre compatriota, erudito como poucos, artista até a medula, hesitou um momento, comçôz os oculos de aros de ouro e exclamou como que a medo:

— Não sei. . . A previsão é difficil. A psychologia do maior numero dos frequentadores do nosso theatro lyrico constitue assumpto em que me não quero metter. Sem duvida que todos os que vão a S. Carlos no proposito de satisfazer uma necessidade esthetica, aquelles para quem seria angustioso o dispensarem-se do manjar espirital de boa musica, interpretada a primor, batem as palmas ao commettimento arrojadissimo da empreza, se ella cumprir escrupulosamente o que nos prometeu. como é de presumir. Mas o acolhimento do tal maior numero parece-me dever nosso não o apreciar com antecipação.

O *snobismo* reina em S. Carlos como senhor despotico. Uma respeitavel percentagem vae apenas exhibir-se, namorar, dissecar o escandalo do dia. E os que se dão ares de entendedores, não perdem ensejo de criticar tudo e todos, desde a execução, a scenographia, a indumentaria, a luva branca do maestro calçada na mão esquerda, durante o primeiro acto, até á magreza ou ás enxundias dos cantores e á plastica de bailarinas e coristas. . .

Mais do que um forte e sincero interesse artistico, a curiosidade e o exhibicionismo vão, certamente, encher a sala de S. Carlos e, se nem todos forem impressionados pela grandeza genial da obra wagneriana, por falta de capacidade esthetica e de educação musical, hão de, ao menos, sel-o pela novidade e imponencia da *mise-en-scène*, se n'ella, como tudo leva a crêr, se observarem, com exactidão, as rubricas do auctor.

Com effeito, para apprehendêr a magestosa belleza da *Tetralogia* — prosequiu o nosso interlocutor — ou, se quizer, do *Ring* (a *trilogia*), como lhe chamou Wagner, porque o *Ouro do Rheo* era por elle considerado como o *prologo* da *Walkyria*, de *Siegfried* e do *Crepusculo dos Deuses* — cumpre acatar preceitos a que são alheios os habitos dos musicophilos de S. Carlos, ou, para falar com mais propriedade, — dos frequentadores do lyrico. O theatro, nas noites da opera allemã, convém que não seja enfermaria de engrrippados. Os retardatarios tambem devem corrigir-se do seu defeito, se não quizerem perder o magnifico espectáculo. porque é uma das condições do contracto com a empreza a exclusão de quem não entrar a tempo e horas na sala. . .

A obra wagneriana está no polo opposto da obra musical da joven Italia, que Pierre Lalo disse não ter «a apparencia, a sombra, a idéa d'uma idéa. . .» A inspiração dramatica da *Tetralogia* é complexa como nenhuma outra; o poder de synthese de Wagner, prodigioso; a conexão dos tres dramas e do seu prologo, perfeita. Ouvi ultimamente, em Paris, o *Crepusculo dos Deuses*, executado com extrema correção mas cantado em francez, o que talvez o prejudique. No repertorio da Opera falta apenas o *Ouro do Rheo*. Ouvir, isoladamente, qualquer dos dramas não permite

O tenor Alorys Pennatini



que o apreciemos d'um modo capaz...

Torna-se necessario ouvir a serie para a percepção da obra immortál, porque as idéas de cada um dos dramas se encadeiam, successivamente, nas dos outros; porque o accento dramático dos sons cresce de scena para scena, de acto para acto, de drama para drama, porque as figuras se tornam cada vez mais nitidas e mais directa a familiaridade com os «motivos conductores» que tamanho papel desempenham na grand'za epopeica da acção.

Em novembro passado cantou-se, como lhe disse, em Paris, o *Crepusculo*. Os motivos novos do drama, como foi accentuado pelos musicographos, são muito poucos, mas —escreveu um critico com quem concordo em absoluto— «a intensidade musical e dramática dos themas já conhecidos, e cujo progresso expressivo não deixou de existir nunca, attinge justamente n'este ultimo «dia» do *Ring* um verdadeiro paroxismo». E accentuou o mesmo

critico estas palavras que vale a pena considerar.

«Não sei de scena, em theatro, que possa então comparar-se á formidável scena final do *Crepusculo* em que a torrente musical vem precipitar, como no fundo d'um abysmo, os principaes motivos que durante quatro noites nos occuparam os ouvidos e nos prenderam o espirito. E' um irresistivel turbilhão, uma vertigem consciente e terrivel. Esse final d'um drama é bem o fim d'um mundo...»

E, para demonstrar a vantagem de ouvir integralmente a *Tetralogia*, o critico musical a que me estou referindo, concluiu:

«Mas... cumpre frisar que se o *Crepusculo dos Deuses* é, como na Opera, executado isoladamente, se não fôr immediatamente precedido do *Ouro do Rheno*, da *Walkyria*, de *Siegfried* perde uma boa metade do seu effeito e da sua belleza...»

Mais felizes que os parisienses, os lisboetas de bom gosto vão admirar, dentro de poucos dias, a obra prima do musico-poeta, que é o legitimo orgulho da Allemanha. Os costumes francezes, quasi incompativeis, como os nossos, com a execução integra e perfeita dos dramas de Wagner, a qual demanda especiaes condições ambientes, re-



O soprano Emmy Burg Zimmermann

pitulos de incontestavel fulgor, illustrar-se-ha, d'um modo singular, com a innovação em todo o sentido admiravel.

E o devoto de Wagner, como se compartilhasse das glorias do seu idolo, terminou:—Que os frequentadores de S. Carlos se não esqueçam: Menos tosse, mais pontualidade e alguma leitura sobre Wagner. Artista algum inspirou, como esse gigante, uma bibliographia mais opulenta!



signaram-se a ceder, talvez mais pelo attractivo da novidade e dos «jantares na Opera», do que para corresponder aos louvaveis intuitos artisticos do primeiro theatro lyrico da França. O *Crepusculo dos Deuses*, sem côrtes, começava pelas seis horas da tarde, e o facto estranho e inédito do movimento de carruagens e automoveis, áquella hora vespertina, em frente do edificio da Opera, despejando as elegancias dos *bonlevardés*, a nobreza do sangue e do dinheiro, os intellectuaes de valor e os que fingem sel-o, suscitou os mais pittorescos e graciosos commentarios da imprensa mundana, que lhes não regateou louvores. Para uma sociedade que blasona de culta, como a lisboeta, para os frequentadores d'um theatro cuja fama de illustrado mas severo rigorismo, se tornou lendaria, a vinda d'uma companhia allemã para a execução integral da *Tetralogia* devia ser motivo de alvoroçado jubilo, embora S. Carlos não possua tradições wagnerianas, antes, até hoje, se tenha mostrado rebelde a quasi tudo o que não seja a opera italiana e apenas este anno despertasse para o reconhecimento do que ha de original e delicioso na opera franceza cantada por francezes. Cumpre, pois, aos *habitués* do lyrico, que vestem, com fino gosto, os figurinos parisienses, imitar, pelo menos, o exemplo dos frequentadores da Grande Opera. O *carner mondain* dos jornaes registará, desvanecido, o bello gesto; os verdadeiros amadores da grande musica applaudir-se-hão por ver coroada de exito uma honrosa iniciativa, que bastaria para consagrar uma empreza; a educação musical indigena verá rasgarem-se novos e amplos horizontes ante os seus passos, que não são, positivamente, dos mais largos e seguros,—n'uma palavra, a historia de S. Carlos, que conta alguns ca-



1—O tenor Franz Costa
2—O soprano Elsa Nell

• O ESCULTOR MOREIRA RATO •
 • O SEU PROJECTO DE MONUMENTO A JOÃO DE DEUS •



que todas são unanimes em reconhecer que a memoria do auctor da *Cartilha Maternal* é das que mais reclamam a perpetuação de um monumento.

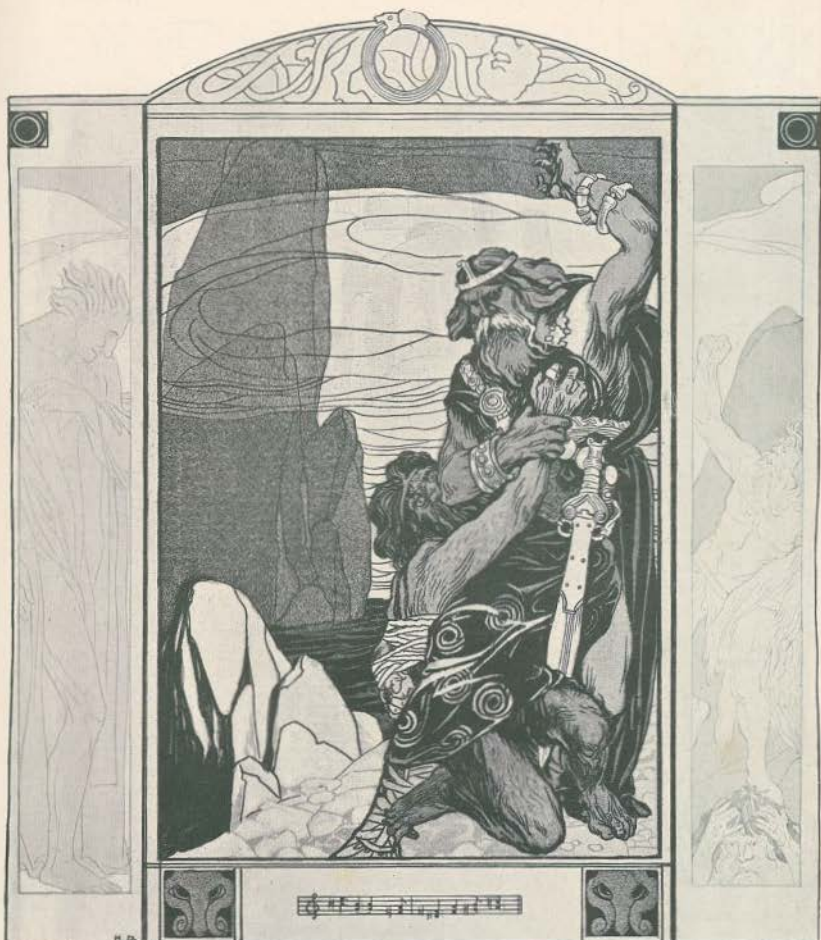


Projectou o escultor sr. Moreira Rato um monumento a João de Deus, cuja *maquette* expôz no seu atelier. A *Illustração Portuguesa*, no seu permanente proposito de trazer os seus leitores ao corrente de todas as manifestações da iniciativa nacional no dominio das artes, procurou dar da *maquette*, por intermedio da photographia, variados aspectos, que melhor permitissem avaliar do seu merecimento. Ao



atelier do distincto escultor, que tem sido muito felicitado, tem affluído grande numero de pessoas,

(Clichés de BENOLIEL.)



No «Ouro do Reno»—Watan e o Nibelung

do *Annet dos Nibelungen*) é um festival scenico dividido em um prologo e tres jornadas. O prologo é *Das Rheingold* (*O ouro do Reno*), e as jornadas *Die Walküre* (*A Walkyria*), *Siegfried* e *Götterdämmerung* (*O crepusculo dos deuses*). Vulgarmente, porém, dá-se a essa obra o nome de *Tetralogia*.

Os personagens do poema pertencem todos á mythologia scandinavica. A lenda dos Nibelungen, ampliada e divulgada pelos tropeiros do seculo XVIII, desenvolvida nos mil e duzentos versos d'um poema e inspiradora, pelos tempos lora, de muitos motivos d'arte, é conhecida, nas suas linhas primitivas, de tradições que remontam ao seculo V da nossa era. Certas d'essas tradições contam que o heroe Sigufri

libertou uma mulher adormecida sobre um rochedo e cercada d'uma barreira de chammas que só o mais audaz dos heroes poderia transpôr. Outras narrativas referem que Sigufri, orphão de pae, passou os primeiros annos da sua vida na floresta, sem conhecer familia, educado por um anciao muito sabio, habil forjador e experimentado em sortilegios. Transformado no heroe mais valoroso, Sigufri, matando um dragão, conseguiu a posse d'um immenso thesouro que comsigo trazia todo o poder das forças mysteriosas. Mas, caindo nas mãos dos Nibelungen, raça malfiteira e funesta, possuidora primeira do grande thesouro, Sigufri é obrigado a conquistar para um d'elles uma virgem guerreira (*Brunnhilda*),



DAS LICHT LOESCHT SICH EUCH AUS,
DAS GOLD ENTREISST ICH DEM RIFF,
SCHMIEDE DEN RACHENDEEN RING!

No «Ouro do Reno» — A maldição

despojado do thesouro e finalmente assassinado por traição.

Não é este decerto o ensejo de mostrar o desenvolvimento d'essa lenda através dos tempos, nem de relational-a, como certos auctores, e entre elles Wagner, pretendem, com a historia do dominio dos francos nas velhas terras da Allemanha. E' de resto presumivel que o leitor pouco interesse tenha em conhecer se os heroes guerreiros que vae vêr no tablado de S. Carlos representam os descendentes directos de Pepino, o *Breve*, e aquella raça poderosa e dominadora a que pertenceu o famigerado Carlos Magno. Basta-lhe saber, por certo, que Wagner, encontran-

do, por fim, para essa lenda a fórma dramática que de balde outros antes d'elle procuraram, ergueu-a a interprete brilhante dos mais altos conceitos, no escriptorio d'ouro da mais soberanamente bella e mais artisticamente lapidar das expressões.

O prologo da trilogia, intitulado *O ouro do Reno*, é dividido em quatro quadros, o primeiro dos quaes se passa nas profundezas do rio allemão, entre as aguas, os rochedos e as cavernas. E' ahi que as tres Ondinas, filhas do Reno, guardam o puro ouro, thesouro precioso que o rio lhes confiou, quando d'ellas se approxima, ardendo em desejos voluptuosos, um gnomo repugnante que



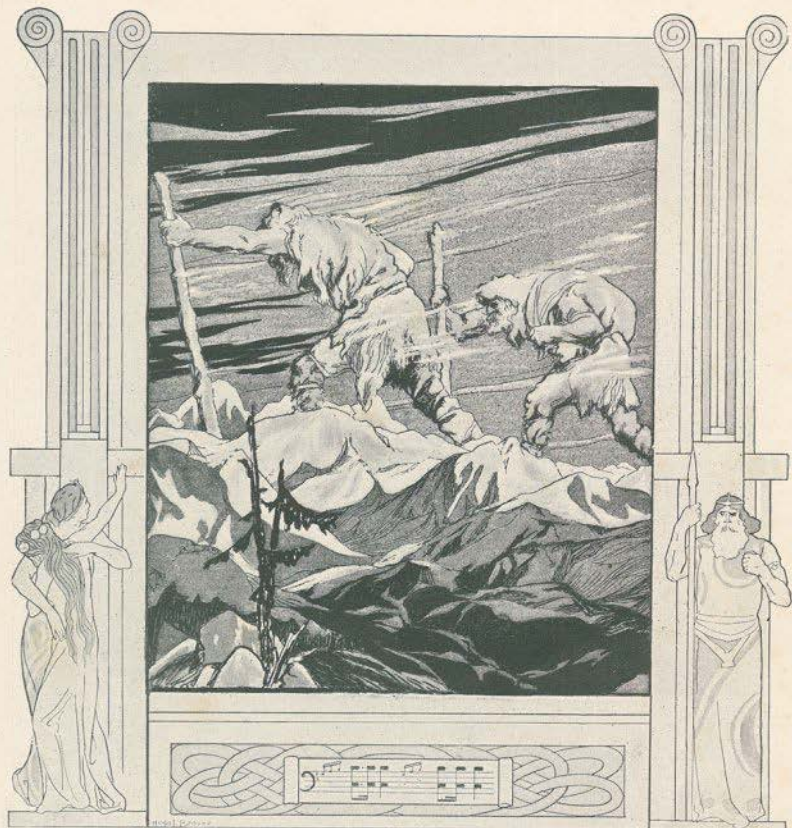
AUF BERGES GIPFEL
DIE GOETTER-BURG,

PRUNKVOLL PRAHLT
DER PRANGENDE BAU

No «Ouro do Reno»: Wotau, o rei dos deuses e Fricka, sua esposa

pretende seduzil-as. E' o mais astucioso e audaz dos Nibelungen, raça de creaturas odiosas que habitam escusas regiões, subterraneas e sombrias, no dominio tenebroso de Nifelheim. As nymphas attraem-no com promessas, troçam-no depois, mas, em meio dos risos e zombarias, revelam-lhe o segredo do

thesouro cuja guarda o rio, seu senhor, lhes confiou: todo aquelle que lograsse possuir o metal precioso poderia conquistar o mundo com a condição unica de, para todo o sempre, renunciar ao amor. Deslumbrado, o Nibelung esquece a formosura das filhas do Reno, sente dentro de si a ambição do dominio sup-



No «Ouro do Reno»: Os gigantes

plantar os desejos da volupia, amaldiçoa o amor, arranca o thesouro do rochedo onde elle brilha e foge levando consigo o mysterioso talisman que irá dar aos da sua raça a gloria suprema de dominar o mundo. As nymphas correm perseguindo Alberich e, entretanto, sobre o rio cae uma noite profunda.

O palacio que, ao começar o segundo quadro do *Ouro do Reno*, Wotan, o rei dos deuses, e Fricka, sua esposa, estão contemplando, é tambem a obra d'uma ambição de opulencia e poderio que attingiu o Senhor do universo quando, com a juventude, do seu espirito se foi afastando a paixão do amor. Sob as ordens do deus, os gigantes Fasolt e Fafner construíram esse palacio com a promessa de, como recompensa, lhes ser dada a posse de Freia, a deusa da mocidade, do amor e da belleza, irmã de Fricka e dos deuses Froh e Donner. E' chegada, porém, a hora do paga-

mento e Freia, apavorada, supplica aos deuses seus irmãos que a não deixem partir. Mas os gigantes exigem e, perante a resistencia de Froh e Donner, uma disputa se levanta quando Loge, o astucioso companheiro de Wotan, deus das chammas e da mentira, contando aos gigantes a aventura de Alberich, desperta-lhes de subito o desejo ambicioso de se apoderarem do ouro funesto. Por elle deixarão Freia. E então Wotan resolve, acompanhado de Loge, descer ás entranhas da terra, penetrar no Nibelheim e conquistar o ouro.

Passa-se o primeiro quadro nos dominios do anão victorioso. Graças ao magico anel que forjou com o ouro do Reno, Alberich exerce despoticamente o dominio da sua raça. Para mais, Mimo, seu irmão, forjou para elle o *tarnhelm*, especie de elmo encantado que lhe permite, a seu agrado, tornar-se invisivel ou transformar-se.



No «Ouro do Rheino»: Wotan e Loge nos domínios dos Nibelungen

Com o auxílio d'esse elmo, o Nibelung quer convencer Wotan e Loge do seu poder supremo: transforma-se primeiro em dragão, depois em sapo, e é n'essa metamorphose que, sem esforço, os deuses se apossam d'elle, pondo-lhe um pé em cima, aprisionando-o e conduzindo-o á superfície da terra.

Somos chegados ao quarto e ultimo quadro da peça inicial da tetralogia. De novo nos encontramos no dominio dos deuses que chegam trazendo com elles, furo de raiva, o Nibelung vencido. D'elle recebem os thesouros, o elmo, o anel e com este ultimo a maldição para todos quantos o possuírem. Os gigantes veem buscar a re-

1
2
3
4
5

6
7
8
9
10

Motivos principais do Ouro do Rheino:
 1—O elemento original (a agua, o Rheino); 2—Os filhos do Rheino; 3—A servidão; 4—O ouro do Rheino; 5—O anel (A herança do mundo pertencera a quemelle que, etc.); 6—A renuncia (Si aquella que renunciar ao poder do Amor, ao aquelle que repudiar a felicidade do Amor, ao esse, obtôr o encanto que adquire o Ouro em forma de Anel); 7—Walhall (palacio dos heroes mortos); 8—O pacto; 9—A intervencao do Amor;



compensa e Wotan, entregando-lhes de prompto todas as riquezas mostra-se mais resolvido a abandonar Freia que a despojar-se do anel, quando, apparecendo entre os rochedos, n'um nimbo de luar, Erda, a alma antiga da terra, a mãe das tres Nornas que fiam o cabo do destino, a vidente que tudo sabe, tudo presente, tudo adivinha, prevê a decadencia da soberba raça dos deuses e aconselha Wotan a que entregue o thesouro maldito. O Senhor do universo, abalado pelas palavras mysteriosas de Erda, resolve entregar o anel aos gigantes, que logo entre si o disputam, caindo morto Fasolt ás rãos do irmão. São os primeiros efeitos da maldição terrivel de Alberich. Os deuses, hor-

rorisados, sentem-se sob o dominio d'um funesto presentimento. Por um instante, o ceu ensombra-se, carregado de nuvens, negras e pesadas como um presagio de desgraça. Mas a tempestade passa, apparece um maravilhoso arco-iris que serve de ponte para o castello pago com um salario maldito e que Wotan quer que se chame Walhall (palacio dos heroes mortos). Os deuses dirigem-se para o edificio celeste, atravez da estrada luminosa, emquanto, nas profundezas do valle, as filhas do Rheino choram o seu thesouro perdido. Aqui termina o prologo e, com elle, o primeiro espectáculo do cyclo. Na sequencia do drama lyrico vae ouvir-se *A Walkyria*.

12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

Wie darrh Fluch er mir ge-zieh, ver-
 buht er die-ner Ring!

Ha - da! Ha - da! Ha - da!

- 10—Freia (deusa da Luz e do Amor); 11—A marcha d'ouro; 12—O crepusculo; 13—A forja dos Nibelungen; 14—O triumpho dos Nibelungen; 15—A maldição (Como por uma maldição eu te obtive que d'oraante este anel teja maldito); 16—O aniquillamento dos Nibelungen; 17—As Nornas; 18—O crepusculo dos deuses; 19—O encanto das tempestades; 20—O arco-iris; 21—O gladio divino



As filhas do Rheino



PAULO OSORIO.